

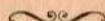
zer. — A princípio, lutei... Tomar tempo dos outros é falta de caridade, mas dizer que uma pessoa é maçante é falta de caridade também. Mas, como tantos homens extremamente ocupados, tive igualmente de dar um jeito. O nosso hospital espírita é uma casa do povo. E a repartição que administra os interesses do povo é a Prefeitura. Sem ferir, assim, a verdade, combinei com um de meus companheiros uma providência que vem dando certo. Quando alguém me absorve o tempo, falando demais, ele vai a um telefone próximo e diz que o serviço da Prefeitura está chamando...

— Ótimo! — exclamou o visitante, mostrando largo sorriso, sem se aperceber de que ele era um dos tais palradores inconscientes.

E já se dispunha a prolongar a conversa, quando o telefone tilintou.

Um servidor da instituição atendeu e, logo em seguida, voltou-se e avisou:

— Senhor Agostinho, o serviço da Prefeitura está chamando...



O caso Pitanga

I

— Pitanga, suas contas serão encerradas hoje — dizia o Dr. Abranches ao empregado surpreso. — Embora estimemos em você um cooperador correto, não podemos conservá-lo.

— Doutor, porquê? — perguntou o pobre homem ao engenheiro que o interpelava.

— Você já tem nove anos e pico. A fábrica não deseja ter elementos estabilizados em demasia. Você sabe. A lei...

— Doutor, mas isso já me acontece pela segunda vez na vida. Sou viúvo e, apesar disso, crio seis netos órfãos de pai e mãe. Desisto de qualquer direito. Preciso trabalhar. Vivo num barracão alugado, não tenho roupa, não tenho facilidades, mas o que ganho dá para os meninos. Isso é a minha vida...

O chefe notou que o servidor deitava lágrimas, qual se fora mamoeiro dilacerado, e comoeu-se.

— Animo, Pitanga! — falou, batendo-lhe no ombro.

Mas João Pitanga, o encarregado da limpeza, largou a vassoura e passou a soluçar.

O diretor, preocupado, deu-lhe o braço e arrastou-o, quase, até o gabinete, e fê-lo sentar-se.

— Ora, ora! que é isso? Você, chorando? Você é um homem...

— Ah! doutor, tenho quase sessenta anos! ninguém me empregará mais... E depois...

— Depois, o quê?

Pitanga arrancou do bolso um pedaço de pano pardo, que devia ter sido um lenço em outra época, enxugou a pasta de suor e lágrimas, e falou:

— Doutor, há vinte e oito anos, eu era empregado numa casa bancária e conduzia cem contos de réis num trem suburbano. No atropelo do desembarque, por falta de atenção, tomei uma pasta semelhante como sendo a minha. Agarrei-a... Mas, ao abri-la, verifiquei o engano. Só havia lá dentro um livro de contabilidade e vários cadernos de estudo. A firma que esperava o dinheiro telefonou para o Banco. Detido no Distrito Policial, ninguém acreditou na minha palavra. Não fôsse um amigo que se responsabilizou por mim e teria amargado muito tempo na cadeia. Quis suicidar-me, mas fiz-me espírita e compreendi que o sofrimento

é o remédio da purificação espiritual. Para pagar a dívida, minha esposa e eu montámos uma lavanderia. Trabalhámos dez anos, quase passando fome. E quando resgatámos a última prestação, minha mulher morreu tuberculosa. Tínhamos um filho, bom companheiro, que foi esmagado sob as rodas de um caminhão, ao entregar a roupa lavada. Quando a viuvez chegou, restava-me a filha... Coloquei-me numa fábrica de massas alimentícias. Ganhava pouco, mas tinha a compensação de ver Dorinha feliz. Antes de completar dez anos de casa, como agora, fui despedido. Empreguei-me aqui, como varredor. Minha filha casara-se, mas o marido, que era operário numa fábrica de móveis, perdeu uma das pernas num desastre de trem. Desde essa época, ficou nervoso, perturbado... Deu muito trabalho e veio, por fim, a descansar na morte, há quatro anos. Dorinha, porém, não resistiu e acompanhou o marido, depois de longa tuberculose. Deixaram-me seis filhos... Seis crianças que esperam por meus braços de velho... Que farei?

O Dr. Abranches consolou-o.

Faria tudo por ajudá-lo.

Que João viesse toda semana a ver se lhe obtinha uma beirada na fábrica.

Naquela hora, contudo, não podia torcer decisões da Diretoria.

E de semana a semana, Pitanga, remenda-

do, carregando o chapéu, chegava, indagando:

— Dr. Abranches, será que já posso vir outra vez?

— Ainda não, Pitanga. Mas logo que a crise dos tecidos desapareça, tratarei de seu caso.

E João voltava, mais triste.

Para que a comida não ficasse mais curta, começou a apanhar papéis na rua e a pedir jornais velhos.

Diversas famílias espíritas passaram a cooperar.

II

Ameaçado de despejo e cercado de cobranças, João apanhava sol para aquecer as costelas cansadas de bronquite, acocorado à porta de casa, quando uma bicicleta chegou.

Um rapaz dos correios entregou-lhe um telegrama.

Assunto urgente.

Um amigo, que ele não conhecia, chama-o em termos carinhosos.

Morava em bairro distante, estava doente e queria vê-lo.

Pitanga esperou quatro dias, até arranjar dinheiro para o bonde.

E fêz a viagem, sem maiores preocupações.

Era médium passista. Costumava receber

solicitações daquela natureza para confortar doentes, aqui e ali...

Espantou-se, porém, ao chegar no endereço indicado, porque, ao dizer quem era, foi introduzido de imediato.

Guiado por velha governanta, atravessou duas salas e grande corredor ricamente mobiliados, e entrou num aposento em que um homem enfermo parecia enterrado em colchas brancas.

No doente, em que os ossos se mostravam à pele, só os olhos mostravam intensa vida.

Entretanto, com esforço, o doente estendeu-lhe a mão, como garra mole, e, depois de fazê-lo sentar-se, falou, comovido:

— João Pitanga, conheço você há quase trinta anos, sem que você me conheça. E de certo sairia do mundo sem apertar-lhe a mão; mas, sitiado há quatro meses pelo câncer, conheci a Doutrina Espírita e minha consciência despertou... Pedia a Deus não me deixasse partir sem vê-lo, para pedir-lhe perdão...

Diante de Pitanga, boquiaberto, o homem fez longo intervalo e continuou:

— Há vinte e oito anos, viajava ao seu lado, vindo da academia em que me fiz contador. Ao desembarcar, tomei sua pasta, como sendo a minha, e só em casa dei pelo engano. Tinha nas mãos os cem contos de réis pelos quais você sofreu tanto... Soube daí a dois dias que você estava na polícia, acusado

injustamente, mas calei-me. Era ambicioso. Tinha planos. Montei uma loja com o dinheiro e a loja prosperou. Depois de dez anos, era um homem rico e podia gastar... Esqueci o seu nome, o seu problema e atirei-me ao lucro fácil. Fiquei milionário. Contudo, ai de mim! A fortuna envolveu minha casa em trevas. Com dois filhos, minha esposa esqueceu as obrigações e entregou-se a um aventureiro e humilhou-me quanto pôde. Por amor aos meus filhos, não me desquitei. Minha mulher, porém, suicidou-se, ao ver-se abandonada pelo homem que tanto mal me fêz. Meu rapaz, envenenado talvez pelo dinheiro farto, começou a fazer loucuras e morreu num desastre de automóvel, por ele conduzido em estado de embriaguez. Minha filha casou-se, mas meu genro, porque não se sentia com necessidade de trabalhar, viciou-se com a maconha e acabou perturbado, num sanatório. Viúva, minha filha não aguentou a solidão e, ainda impressionada com o exemplo materno, suicidou-se também, deixando-me dois netos... Os meninos, porém, são retardados mentais, e fui compelido a deixá-los indefinidamente num colégio adequado...

Pitanga, machucado no coração, chorava copiosamente.

— Como vê — prosseguiu o enfermo —, você sofreu muito, mas tenho pago um preço terrível pelas aflições que lhe dei... Antes de

conhecer o seu paradeiro, tomei contacto com as verdades do Espiritismo e procurei distribuir o possível entre as instituições de beneficência...

E designando uma caixa forte:

— Peço a você, porém, que abra o cofre e retire os novecentos mil cruzeiros que estão lá dentro. São seus... Não lhe entrego o resto do que tenho, porque os dois netos precisam de pensão... Aceite, Pitanga! Aceite e perdoe-me! E creia que não vou sem culpa na grande viagem... O seu perdão, contudo, será para mim nova força no Mundo Espiritual...

Havia tanta confiança e docura no pedido, que João abriu o cofre e recolheu o dinheiro.

Em seguida, conversaram, trocando confidências, como velhos amigos.

Oraram.

Pitanga aplicou-lhe passes.

O doente ainda viveu seis dias no corpo físico e João visitou-o diariamente, assistindo-o, até à hora última.

No dia seguinte ao dos funerais, Pitanga voltou à fábrica, procurou o Dr. Abranches e conteu-lhe o sucedido, pedindo conselho.

— Agora, João, você está bem — disse o chefe, sorrindo.

— Não, doutor. Estou preocupado. Não quero que os meus netos saibam que tenho esse dinheiro. Ajude-me a empregá-lo.

— Você poderá pagar suas dívidas e guardar mais de oitocentos contos em ações na fábrica. Haverá bom rendimento.

— Mas...

— Mas o quê?

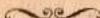
— Queria que o senhor pedisse à Diretoria para dar-me trabalho, ainda que eu tenha de ser novamente despedido, daqui a nove anos...

O Dr. Abrantes sorriu e prometeu colaborar.

Dai a quatro dias, quando Pitanga voltou, encontrou a ordem.

Fora readmitido.

E sem esperar pelo dia seguinte, pediu a vassoura e recomeçou a varrer...



11

Provação

Heitor Pessoa e a esposa, D. Delminda, desde os primeiros dias na cidade eram assíduos frequentadores do templo espírita.

Corretíssimos. Generosos. Entretanto, fora disso, pareciam fechados. Excelentes companheiros na instituição; contudo, na vida particular, eram francamente inacessíveis.

— Muito bons, mas muito orgulhosos.

— Sabem ensinar a fraternidade, mas es-corregam mais do que peixes.

Observações como essas eram freqüentes.

E como semelhante situação estivesse incomodando, o presidente imaginou um meio de sanar as impressões.

Em cada semana, o culto do Evangelho seria atendido em determinado lar.

Assim, cada residência dos irmãos da agremiação seria aberta ao exercício da fraternidade.

Chegada a ocasião em que lhes caberia o testemunho afetivo, Heitor e senhora tenta-